

O meu prazer é meu maior desejo: uma análise da sexualidade feminina na contemporaneidade.

My pleasure is my most desire: an analysis of feminine sexuality in the contemporaneity.

Fernanda Schieber Saúde Vilas Boas de Oliveira Jota

Brasília, outubro 2007

O meu prazer é meu maior desejo: uma análise da sexualidade feminina na contemporaneidade.

My pleasure is my most desire: an analysis of the feminine sexuality in the contemporaneity.

Fernanda Schieber Saúde Vilas Boas de Oliveira Jota
Mestranda em Psicologia clínica e cultura/ UNB

Contatos:

fernandaschieber@yahoo.com.br

(61) 3427-0347

(61) 8118-5595

Resumo

O objetivo deste trabalho é fazer uma análise da sexualidade feminina e suas formas de expressão na sociedade contemporânea. Apresenta-se uma reflexão sobre o conceito de sociedade contemporânea e das novas formas do sujeito mulher relacionar-se consigo mesmo e com o outro. A partir disso, faz-se uma análise dos novos modos de erotismo da mulher contemporânea, pensando-se que podem ser melhor compreendidos quando associados às características narcísicas próprias da contemporaneidade.

Palavras chave: Sexualidade Feminina, Individualismo, Sociedade Contemporânea.

Abstract

The aim of this research is to make an analysis of the feminine sexuality and its ways of expression in the contemporary society. Shown an analysis of the contemporary society's concept and the new ways how woman as a subject relates with herself and with others. Starting from that point, an evaluation is done about the recent eroticism of the woman, think that can be better understand when associated with the narcissistic values created by the contemporary society.

Keywords: Feminine Sexuality, Individualism, Contemporary Society.

Fazer uma reflexão sobre a sociedade contemporânea é fundamental para se pensar o sujeito nela inserido. A forma do sujeito estar nela representa sua subjetividade mas também a cultura que o rodeia. Neste trabalho será analisado como os modos de consumo atuais geram uma cultura de individualismo capaz de isolar o sujeito em si mesmo.

A partir disso será feita uma análise sobre o exercício da sexualidade feminina nessa sociedade contemporânea que preza o individualismo e incentiva o narcisismo. Serão trabalhadas duas formas de erotismo da mulher contemporânea: o gozo objetivista e o sexo de ocasião. Será citado um *site* da internet com o objetivo de refletir sobre dois exemplos de discurso corrente feminino a respeito do sexo de ocasião e o uso que se faz dele. A intenção é analisá-los à luz dos conceitos discutidos, pensando algumas manifestações da sexualidade feminina na sociedade contemporânea.

SOCIEDADE CONTEMPORÂNEA: O ESPETÁCULO DO INDIVIDUALISMO

Os tempos contemporâneos fizeram do indivíduo e da sua subjetividade destaques do espetáculo da convivência social, no seu sentido também econômico. Segundo Lipovetsky, “foi a transformação dos estilos de vida associada à revolução do consumo que permitiu este desenvolvimento dos direitos e desejos do indivíduo.” (LIPOVETSKY, 1983, p. 8).

O desejo de ter regula as relações de consumo, bem como as relações afetivas. Existe atualmente um véu de auto-determinação que cobre os indivíduos. Pensar: “eu quero” significa “eu tenho”. Os desejos individuais é que mediam as relações. Ou pelo menos aquilo que se pensa ser individual, pois, aquilo que querem que seja desejado é apresentado na mídia de forma bastante massificada.

Isso fica bastante claro no conceito de sociedade do espetáculo apresentado por Guy Debord. Seu livro *A sociedade do espetáculo* foi lançado em 1967, depois republicado várias vezes. É a explanação de uma teoria crítica sobre o modo de viver e de se relacionar do homem moderno. Foi escrito, segundo o autor, com o intuito de “perturbar a sociedade espetacular” (DEBORD, 1997, p. 12).

A sociedade do espetáculo para Debord (1997) é aquela na qual onde tudo é produzido a partir de um desejo construído, não permitindo que o sujeito tenha acesso ao que ele de fato deseja. A subjetividade perde sua função e seu lugar. Ocorre uma massificação do desejo e o indivíduo passa a desejar aquilo que o outro deseja para ele. É o resultado da formação econômico-social da sociedade moderna.

O espetáculo gera a falsa consciência. Todos acreditam que são livres e que fazem as próprias escolhas. O sujeito é iludido e levado a acreditar que vive em comunidade, porém, o espetacular instaura uma separação generalizada entre as pessoas e delas consigo mesmas.

O modelo atual da vida em sociedade é dominado por um espetáculo que representa a não opção. Um produto tem um público determinado ainda no processo de fabricação. Assim, enquanto o espetáculo deveria fazer parte do processo de produção, ele passa a ser seu objetivo final.

A vida humana social é percebida de maneira superficial. Só a aparência é levada em consideração, até porque é essa camada superficial que é passível de tornar-se igual em todos os indivíduos. É através da imagem que a negação da subjetividade acontece. “A subjetividade assume uma configuração decididamente estetizante, em que o olhar do outro

no campo social e mediático passa a ocupar uma posição estratégica em sua economia psíquica.” (BIRMAN, 2000, p. 23).

A imagem transmite tudo que aparece como bom e positivo. Exige do sujeito que aceite passivamente tudo que lhe é mostrado. Fazer com que o sujeito queira aquilo é o objetivo da produção, pois na sociedade contemporânea, querer significa necessariamente ter. É o querer ter que move o homem. Na era dos bens descartáveis, o querer é contínuo e a satisfação gerada pelo bem adquirido é fugaz, até porque, houve nesse ato pouca implicação pessoal. Ninguém precisa ser responsável por aquilo que não desejou. Isso gera o domínio do homem pela economia.

Os destinos do desejo assumem, pois, uma direção marcadamente exibicionista e autocentrada, na qual o horizonte intersubjetivo se encontra esvaziado e desinvestido das trocas inter-humanas. Esse é o trágico cenário para a implosão e a explosão da violência que marcam a atualidade. (BIRMAN, 2000, p. 24).

O homem passou a ser reconhecido por aquilo que tem e não pelo que é. Esse homem forjado pelo sistema passa todos os dias na televisão e em outros meios de comunicação de massa. O modo de compreender o mundo através do que é visto aumentou a exibição da racionalidade técnica. Nos tempos modernos existe *marketing* para tudo. Para vender roupa, comida, candidato político, até o sujeito ideal. É a fabricação do que não se é.

O espetáculo promove o exílio do homem em si mesmo e para além de suas potencialidades. As necessidades que ele acha que têm são inventadas dentro das fábricas. “O espetáculo é a realização técnica do exílio, para o além, das potencialidades do homem; a cisão consumada no interior do homem.” (DEBORD, 1997, p. 19).

O espetáculo representa a visão que a sociedade contemporânea tem de si mesma. É o louvor a si numa ilusão de totalidade. “Estamos no meio de uma revolução acerca da forma como pensamos de nós próprios e sobre a maneira como estabelecemos laços e ligações com os outros.” (GIDDENS, 2000, p. 57).

Os meios de comunicação de massa são as manifestações mais expressivas da superficialidade da sociedade do espetáculo. Eles passaram a ser os mediadores das relações entre os homens e entre as classes. São perversamente unilaterais porque tem em si tanto a maneira de apresentar aos indivíduos aquilo que eles têm que desejar quanto de tornar menor aquele que não tem o obrigatoriamente desejável.

O que a mídia geralmente expõe como fonte de desejo são coisas da ordem do impossível para a maior parte da sociedade e daí o desejo de ter. Aquele que adquire o que foi transmitido por imagem não tem consciência da importância que aquilo, de fato, tem para ele.

O trabalho também mudou de padrão na sociedade do espetáculo. Foi micro-fragmentado de forma que o trabalhador não reconhece o que produziu. Ele está cada vez mais distante do que produz, pois não é nada além do que uma parte do processo de produção. “O homem separado de seu produto produz, cada vez mais e com mais força, todos os detalhes de seu mundo. Quanto mais sua vida se torna seu produto, tanto mais ele se separa da vida.” (DEBORD, 1997, p. 25).

O consumidor passa a ser aquele que compra ilusões, pois as mercadorias não são classificadas pelo seu potencial útil e sim pelo grau de satisfação de desejo que ela provoca. A vida torna-se falsa, ilusória. “As satisfações substitutivas, são ilusões, em contraste com a realidade; nem por isso, contudo, se revelam menos eficazes psiquicamente, graças ao papel que a fantasia assumiu na vida mental.” (FREUD, 1930[1929], p. 93).

A base do espetáculo se faz na economia que se tornou abundante junto com a produção em massa de mercadorias (DEBORD, 1997). Com isso surge o processo de

banalização dos produtos e do homem. Este passa a se identificar com aquilo que ele acha que quer ser.

Esse sujeito da busca pela aparência tornou-se vedete do espetáculo e inimigo de si mesmo. Renuncia a si e se identifica com as regras do outro. Os indivíduos passaram a ilusionar o total acesso aos bens de consumo transmitidos pela imagem e fantasiar a capacidade de serem felizes através deles. Freud (1930[1929]), p. 96), alerta para o risco desse tipo de ilusão: “Uma satisfação irrestrita de todas as necessidades apresenta-nos como método mais tentador de conduzir nossas vidas; isso, porém, significa colocar o gozo antes da cautela, acarretando logo o seu próprio castigo”.

Pode-se pensar que a sociedade do espetáculo traz a “falsificação da vida social” (DEBORD, 1997, p. 46). A sociedade tornou-se ilusionariamente feliz pela falsa unificação e pelo consumo fundado na mudança que representa o dinamismo do capitalismo. Nada é permanente, as pseudo-necessidades são criadas a cada mercadoria lançada, a cada promessa de felicidade produzida. Enfim, é a sociedade da concretização da não-liberdade e da morte do que é subjetivo.

O consumo fundado na mudança também pode ser aplicado à volatilidade das relações de convivência. Relacionamentos fugazes, sexo sem compromisso e uma grande preocupação com a auto-satisfação. Giddens (1991, p. 126) acredita que a transformação da intimidade ocorrida na sociedade contemporânea envolve alguns aspectos, inclusive esse:

Uma preocupação com a auto-satisfação, que não é apenas uma defesa narcisista contra um mundo externo ameaçador, sobre os quais os indivíduos têm pouco controle, mas também em parte uma apropriação positiva de circunstâncias nas quais as influências globalizadas invadem a vida cotidiana.

Ou seja, o fenômeno do individualismo que pode ser assistido na sociedade contemporânea não surge de uma defesa contra algo que não é passível de controle, mas sim, algo incentivado como positivo e adequado.

Para Birman (2000, p. 25) são os sentimentos de solidariedade e alteridade que estão ameaçados com o individualismo da sociedade contemporânea

A auto-exaltação desmesurada da individualidade no mundo do espetacular fosforescente implica a crescente volatilização da solidariedade. Enquanto valor, esta se encontra assustadoramente em baixa. Cada um por si e foda-se o resto parece ser o lema maior que define o ethos da atualidade. A solidariedade seria, assim, o correlato de relações inter-humanas fundamentadas na alteridade. Para isso, no entanto, seria necessário que o sujeito reconhecesse o outro na diferença e singularidade, atributos da alteridade.

Como pensar então, a sexualidade feminina nesse contexto? Como se dá o exercício dessa sexualidade na sociedade contemporânea?

O EXERCÍCIO DA SEXUALIDADE FEMININA NA CONTEMPORANEIDADE

As questões relativas à sexualidade feminina se articulam de diferentes maneiras em cada momento histórico. Os sofrimentos e seus modos de expressão vão ganhando contornos específicos em cada cultura. A maneira como a mulher se coloca diante de sua sexualidade depende de questões constitutivas ou pulsionais, mas também de questões ligadas a costumes de época.

Como pensar a sexualidade feminina e suas formas de expressão na sociedade do descartável, do consumismo, da negação de valores ligados a longo prazo, enfim, na sociedade contemporânea?

Na luta pela libertação das amarras sexuais, ditadas pelos dogmas morais, a mulher contemporânea se arvorou por novas formas de erotismo como o gozo objetivista e o sexo de ocasião. Porém, a sexualidade da mulher contemporânea parece expressar valores cultivados pela própria sociedade atual. Essas modalidades de relacionar-se com o outro têm um toque do investimento narcísico tão incentivado atualmente.

Novos mitos femininos estão surgindo para substituir aqueles antes atribuídos às mulheres. A mãe agora é aquela que também trabalha fora de casa. A mulher romântica é também a que seduz ativamente. A mulher passiva eroticamente tornou-se ativa na relação sexual.

Esses novos mitos parecem revelar mulheres auto-determinadas, autônomas na eleição dos caminhos a percorrer e, como não poderia deixar de ser em tempos contemporâneos, individualista quanto a seus desejos.

Para as mulheres, o mais insólito, em alguma medida fascinante, mas também assustador, é a vivência de uma autodeterminação, ou de uma autonomia na exploração das possibilidades, nas escolhas ou até na criação ou invenção de alternativas. Se por um lado essa abertura às opções pessoais é compartilhada com o homem em função de uma promoção do individualismo generalizado próprio da época, por outro a mulher pode sentir, com objetividade, que está conquistando posições novas e condições igualitárias não somente no âmbito privado, mas também no público. (FUKS, 2002, p. 105).

A liberdade sexual experimentada atualmente pela mulher tem relação com o direito adquirido por elas de disporem de si mesmas, de seus corpos, enfim, de sua existência como um todo.

Até nossos dias, a existência feminina sempre se ordenou em função de caminhos social e 'naturalmente pré-traçados', casar, ter filhos, exercer as tarefas definidas pela comunidade social. Foi esta época, poderíamos dizer, que encerrou essa rigidez: o destino do feminino entrou, pela primeira vez, em uma era de imprevisibilidade e de abertura estrutural. Se é verdade que as mulheres não têm as rédeas do poder político e econômico, não há dúvida de que ganharam o poder de governar-se, podendo viver sem um caminho social pré-fixado. (FUKS, 2002, p. 108).

Freud (1905) considera que a sexualidade, antes do acesso à civilização, se desenvolve de maneira livre e prazerosa. Na medida em que o homem é inserido no mundo civilizado, ele abre mão dessa liberdade sexual para ter em troca as realizações socialmente produtivas. Ocorre a limitação das livres ações sexuais para a construção social da sexualidade. No texto *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade*, Freud (1905) diz de uma relação inversa que existe entre a civilização e o livre desenvolvimento da sexualidade.

Com a sofisticação, a intranquilidade e o ritmo acelerado da vida moderna, as exigências dos indivíduos são cada vez maiores e conseqüentemente, o lugar do prazer se torna cada vez mais um apêndice a ser construído e controlado racionalmente e não mais algo que surge do desejo simplesmente. "Os nervos exaustos buscam refúgio em maiores estímulos e em prazeres intensos, caindo em ainda maior exaustão." (FREUD, 1908, p. 189).

Percebe-se que o movimento em relação à civilização da sexualidade, em especial a feminina, e o fim da tradição, é um círculo que começa na liberdade sexual experimentada antes da moralização, caminha para a moralização da sexualidade e chega aos tempos atuais

com o desejo de viver uma nova liberação sexual, no sentido de abandonar aquilo que um dia foi construído como dogma ou como regra de moral e boa conduta feminina.

Com a moralização da sexualidade, a mulher passou a querer um casamento monogâmico, uma casa confortável e filhos bem criados; obviamente por elas mesmas.

A moral civilizada traz conseqüências ainda mais graves, pois, glorificando a monogamia, impossibilita a seleção pela virilidade – único fator que pode aperfeiçoar a constituição do homem, pois entre os povos civilizados, a seleção pela vitalidade foi reduzida a um mínimo pelos princípios humanitários e pela higiene. (FREUD, 1908, p. 188).

A religião teve forte influência no estabelecimento dos valores tradicionais que uma mulher deveria almejar e buscar realizar. A supressão dos desejos estava na posição número um da lista. À mulher cabia o papel de reproduzir. Não era direito seu, ter orgasmo ou qualquer outro tipo de prazer. Isso cabia às mulheres libertinas; aquelas de vida fácil.

É possível pensar que quando a luta pela libertação sexual das mulheres começou, o que se reivindicava era o acesso ao prazer, pois, a “função reprodutora” da mulher não incluía orgasmo ou mesmo qualquer outro tipo de satisfação sexual. “Nos anos 60-70, o feminismo se empenhava em emancipar a sexualidade das normas morais, em fazer regredir a influência do social sobre a vida privada.” (LIPOVETSKY, 2000, p. 76).

Atualmente, o que as mulheres parecem estar buscando é poder prescindir do outro para obter o prazer. Através da análise do sexo de ocasião e do gozo objetivista é possível empreender uma reflexão sobre se as mulheres da vida contemporânea são tão poderosas e senhoras de si que não precisam mais do sexo oposto, e se a individualização feminina gerou uma realização sexual individualizada.

Segundo a Revista do Correio, 44% da população feminina do Distrito Federal são mulheres solteiras, descasadas ou viúvas. Quanto maior a renda, mais sozinhas elas estão. A revista afirma que é por opção:

A solteirice feminina é um desses fenômenos do século 21 que se unem a palavras como carreira, sucesso, estudo e liberdade. Muitas mulheres estão sozinhas porque querem, principalmente as que já passaram da casa dos trinta ou beiram os quarenta. (GÓES; FRÓES; ALCÂNTARA, 2005, p. 10).

Talvez a busca individualista da mulher contemporânea seja mais um produto da sociedade do espetáculo vivida atualmente. Cada um buscando realizar seus objetivos próprios, singulares. A causa do outro parece ter-se tornado barreira para a concretização desses projetos.

Distanciar-se fisicamente e prescindir de dados de identidade e de filiação fazem parte de uma micropolítica narcísica de redução de custos afetivos da dependência amorosa e da alteridade. Contas separadas, domicílios separados e sujeitos livres de amarras compõem esse quadro de objetivos idealizados para o mitológico crescimento individual (CAIAFFA et al. 2002, p. 192).

O individualismo pregado nas sociedades capitalistas tornam os sujeitos desmotivados a lutar por um ideal comum, seja ele uma causa político-ideológica, um casamento, ou a criação de um filho. “A busca do próprio interesse, a princípio identificada com a busca racional de ganhos e a acumulação de riquezas, tornou-se uma busca do prazer e da sobrevivência psíquica.” (LASCH, 1983, p. 97).

O gozo objetivista

Pensando o sexo como um exercício de alteridade, onde duas pessoas ocupam-se em ter prazer e dar prazer, como imaginar o modo objetivo de tratar a relação sexual por parte de algumas mulheres na sociedade contemporânea? O gozo objetivista é um modo narcísico de relacionar-se consigo mesmo e com o outro onde o foco é claro: a satisfação prioritária dos próprios desejos, utilizando ou não o outro como meio para isso.

Você em primeiro lugar. Não, não é egoísmo. É essencial. Já pensou nisso? Pois pense mais uma vez e coloque em prática. Para conquistar sucesso no trabalho, qualidade de vida e felicidade, você precisa ser sua prioridade máxima. (DELFINO, 2005, p. 129).

Esse individualismo da mulher contemporânea reflete-se não só no modo como ela conduz sua vida profissional, mas também a sexual e amorosa. Bauman (2004) diz de uma crise no sentido do que é o amor na atualidade e como estão sendo consideradas as relações humanas e mais especificamente, as relações amorosas.

Ele questiona a confusão que se faz atualmente entre as experiências de apaixonar-se e desapaixonar-se, com o sentir amor. “Noites avulsas de sexo são referidas pelo codinome de ‘fazer amor’.” (BAUMAN, 2004, p. 19).

Amar passou a ser uma habilidade adquirida após um tempo de exercício. Quanto mais experiência no “fazer amor”, mais habilidoso fica-se na arte de amar.

O amor nos dias atuais transformou-se em mercadoria; aquela do tipo moderno: sem esforço para adquirir e com facilidade para descartar. E o que dizer do culto a si próprio e na crença no amor individual?

Bauman chama atenção para o que se vive atualmente: não existe desejo e sim impulso. A instantaneidade das relações sexuais, bem como das relações de consumo, não podem ser da ordem do desejo, pois este depende de uma “prolongada criação e maturação”. (BAUMAN, 2004, p. 26).

Relacionar-se implica assumir riscos. Não existe garantia de que será bom ou que dará certo. Mas, mesmo assim, existem expectativas que são depositadas naquele companheiro ou companheira. Isso implica em responsabilizar-se pelo relacionamento construído. “Ter uma experiência significa ser afetado por alguma coisa, pessoa ou situação, ‘e ser afetado’ se traduz por alguma vivência perceptível para quem a atravessa.” (MEZAN, 2002, p. 258).

Nos tempos das relações descartáveis, é possível pensar que as pessoas fogem justamente dessa responsabilidade. Ninguém quer se sentir responsável por ninguém, pois, se surgir outra oportunidade de “investimento”, será mais fácil desfazer-se do “negócio” anterior.

Talvez, as tarefas mais difíceis no relacionar-se sejam responsabilizar-se por aquilo que se constrói e conformar-se com o modo do outro pensar a vida. Tentar encaixar o outro nos seus padrões ideais é, segundo Bauman (2004, p.12), uma espécie de perversão. É possível pensar em uma questão narcísica que assola esse tipo de indivíduo: o meu desejo é o que há de mais importante e o outro está ali para satisfazê-lo.

É claro que quando um relacionamento entre duas ou mais pessoas acontece, elas são afetadas umas pelas outras. Mudanças internas ocorrem. O que é bastante diferente de alguém deixar de existir como sujeito e passar a ser a imagem do desejo do outro. A influência sobre si já ocorre desde a escolha de determinado indivíduo e não outro. Esse é destacado da multidão através do olhar porque existe algo nele que se cola em determinado sujeito; algo

que o influencia; alguma afinidade. E isso é uma escolha individual e é preciso que o sujeito se responsabilize por ela.

Aquilo que é amado no outro é uma imagem de duas dimensões, onde me reconheço como num espelho. Encanto da reciprocidade: eu te compreendo, tu me compreendes; nós nos abraçamos, isto é, cada um pode contornar o outro. (JULIEN, 1997, p. 39).

O exercício de alteridade dentro de uma relação amorosa foi tratado de maneira específica nas mulheres por Freud. Ele afirmou que era uma tendência própria das mulheres buscarem mais serem amadas do que amar (FREUD, 1914). A partir disso, é possível refletir sobre duas questões a respeito da sexualidade feminina da mulher contemporânea: as novas formas de erotismo são uma tentativa de sair desse lugar dito por Freud, ou é uma maneira defensiva de lidar com ele?

A erotização do corpo da mulher é algo transmitido desde a infância nos dias atuais. Isso pode ser constatado nos tipos de música, nas roupas, nas danças, entre outros. O corpo feminino passou a ter valor de mercado. A beleza buscada a todo custo.

Essa beleza é buscada para quê? Para agradar a quem? Será que essa mulher contemporânea não ocupa um lugar parecido com aquela do século XIX, que se embelezava e colocava-se à janela à espera de um pretendente a marido? Em *Senhora*, romance escrito em 1875, José de Alencar relata a dor de Aurélia por ver-se obrigada a colocar-se na janela a espera de um pretendente que lhe garantisse um futuro no caso da morte de sua mãe.

Vai para a janela, Aurélia...Redobraram pois as insistências da pobre viúva; e Aurélia ainda coberta de luto pesado que trazia pelo irmão condescendeu com a vontade da mãe, pondo-se à janela todas as tardes. (ALENCAR, 1994, p. 72, 73).

As mulheres atualmente sabem mais de si, de seus corpos, de suas zonas erógenas de prazer. Porém, talvez a questão se instale no fato do que essas mulheres estão fazendo com esse conhecimento adquirido depois de tantos anos de luta por uma liberdade sexual.

No espetáculo desses corpos as mulheres não se reconhecem, nenhuma identificação se produz, e isso porque a pornografia, estruturalmente, organiza-se na negação sexual da diferença masculino-feminino. O que constitui a especificidade do erotismo feminino, os prelúdios, a palavra, a espera, a doçura amorosa, as carícias, tudo isso desaparece em benefício exclusivo de um gozo fálico e objetivista. (LIPOVETSKY, 2000, p. 42).

Pode-se pensar, portanto, que o gozo objetivista é uma característica narcísica da sociedade contemporânea, onde as relações de alteridade desaparecem e o que resta é um foco: ter prazer a qualquer custo. Isso se opera não só no campo das relações sexuais, mas também de trabalho, familiares, etc. Um exemplo de expressão do gozo objetivista no campo da sexualidade é o percebido no sexo de ocasião.

Sexo de ocasião

A busca feminina pela igualdade de direitos com os homens atingiu não só o campo social e econômico, mas também o sexual. Uma modalidade de relação sexual antes permitida só aos homens atualmente foi adotada por algumas mulheres: o sexo de ocasião. Aquela relação sexual que surge não de um relacionamento amoroso, mas de um encontro casual. Onde não há implicação afetiva nem preocupação com o prazer do outro. Dois corpos se unem para cada um, individualmente, gozar.

Segundo o *site* Universo da Mulher, o sexo de ocasião acontece da seguinte forma:

Após uma balada, noitada em boate ou algum evento de agito e os lugares mais comuns são dentro do carro, no estacionamento, em lugares públicos, como nas escadas do prédio, na praia, ou no motel. Para grandes emoções ou aventuras 'free' elas preferem desconhecidos ou os homens casados com quem se relacionam apenas sexualmente. O perfil físico e financeiro do candidato contam mais do que qualquer coisa. (NAZARETH, Disponível em: www.universodamulher.com.br).

Se o outro está ali na posição de objeto que serve ao meu desejo, ele pode ser considerado um fetiche. Para Birman (1999), o fetiche tem a função de abafar para o sujeito a diferença sexual tamponando sua falta.

Além disso, é preciso considerar como a diferença sexual se esvai ainda mais na cena fetichista, pois, como se sabe, o fetiche visa à anulação da percepção da diferença sexual. (p. 122).

“Segundo Philippe Julien (1999), a ilusão do gozo idêntico, compartilhado e único que reúne os dois seres em um só é um dos elementos, junto com a idealização, que sustentam o amor paixão.” (JULIEN apud FUKS, 2002, p. 195). Pensando que o sexo de ocasião não contém a ilusão do gozo único, ele não pode ser localizado no amor paixão. Nem tão pouco no amor conjugal. Assim, em que tipo de relação ele se localiza? Que tipo de vínculo se estabelece? Existe vínculo?

É possível pensar que trata-se de uma relação narcísica, influenciada pelos ideais individualistas tão incentivados na sociedade contemporânea. No sexo de ocasião cada um se responsabiliza pelo seu prazer.

Essa modalidade de relacionamento tem como foco o prazer sexual, não o amor. Este, muitas vezes ficou como sinônimo de amarras, de prisão. O amor tornou-se sinônimo de identidade feminina e talvez seja disso que as mulheres contemporâneas estejam fugindo. “Há séculos, e cada vez mais depois do século XVIII, a mulher é valorizada como ser sensível destinado ao amor; é ela que representa a encarnação suprema da paixão amorosa, do amor absoluto e primordial.” (LIPOVETSKY, 2000, p. 22).

O incentivo à ligação da identidade feminina ao amor funcionava também como forma de dominação, pois, se essa era sua maior vocação, seu lugar só existia se amparado por um homem. “A ideologia do amor contribuiu para reproduzir a representação social da mulher naturalmente dependente do homem, incapaz de chegar à plena soberania de si.” (LIPOVETSKY, 2000, p.24).

É possível perceber que as mulheres contemporâneas promoveram uma inversão de perspectiva. O discurso romântico foi substituído pelo discurso prático do sexo.

O sexo de ocasião parece demonstrar uma tentativa da mulher de não se haver com a falta que o outro lhe suscita, pois, se aquele homem não existe para ela enquanto sujeito, o que sobra dele é seu físico, seu pênis, seu falo. A mulher tem então a possibilidade de apropriar-se dele, mesmo que seja inconscientemente.

Nesse contexto, a figura do seduzido se degrada à condição de fetiche, isto é, fica restrita à posição de preencher o que falta supostamente ao outro. Para restituí-lo à plenitude perdida, o seduzido fica na posição de tapa-buraco, de suplemento, mediante à qual poderia preencher as carências do outro. (BIRMAN, 1999, p. 122).

Essa anulação do outro enquanto sujeito no sexo de ocasião pode ser demonstrado em dois depoimentos colhidos de um artigo exposto no site Universo da Mulher. Segue abaixo.

Cristiane, 28 anos, solteira, moradora do Leblon explica. ‘Já conheci pessoas que me relatei no mesmo dia, como em uma boate quando conheci um cara e sabia que aquela seria minha única chance. Saímos e fomos direto para um motel na Barra’. A carioca diz que ‘sexo sem compromisso é muito bom pois você não

precisa se preocupar com seu parceiro e sim com você'. E que sabe separar atração sexual de amor. 'Quando sinto atração física, a coisa pega fogo e trato logo de resolver o problema, sempre me preocupando em usar preservativo para aproveitar todos os momentos de forma segura. O melhor de tudo é falar para o homem que ele não precisa ligar no dia seguinte e nem me procurar... eles ficam pra morrer' - garante a psicóloga Cristiane.

Daniela, 23 anos. 'Meu maior sonho é me casar mas por enquanto, me acho jovem para assumir qualquer compromisso. Quero adquirir experiência e viver minha vida. Não vejo o menor problema em ter amigos com quem saio e me divirto. Tenho meu próprio dinheiro e escolho quem eu quero' - comenta a publicitária que mora no Recreio. 'Às vezes me dá atração física por um cara na praia, como pintou comigo no Reveillon deste ano. Ele era saradão e lindo...Não teve jeito. Fomos direto da praia pra cama' - declara Daniela. O mesmo acontece na night. A mulherada quando vê um homem dá em cima geral e como a quantidade de mulher é bem maior, tenho que tomar a iniciativa...- brinca a publicitária." (NAZARETH, Disponível em: <www.universodamulher.com.br/index.php?mod=mat&id_materia=3055>. Acesso em 06 fev. 2007.).

O depoimento de Cristiane diz que o melhor do sexo sem compromisso é não ter que se preocupar com o parceiro e sim com ela mesma. O de Daniele diz que por ela ter o próprio dinheiro, pode escolher quem ela quiser. O que demonstram é que se o outro está satisfeito ou não é algo desconsiderado e que, se o outro será simplesmente o escolhido, sem participação no processo de escolha, ele é apenas um objeto para ser usado.

O aniquilamento da alteridade nesse tipo de relacionamento denota uma dificuldade de lidar com as questões ligadas a frustração e falta, ou melhor, é "como se" a falta nem existisse. Pois, implicar-se em uma relação é ter que conciliar o desejo de um com o desejo do outro e aprender a conviver com o buraco, a falta que isso gera em si mesmo.

Nesse movimento rápido de corpos e desejos, o gozo é o que se busca. O gozo é então a realização do desejo.

Se o corpo é uma propriedade do indivíduo, este pode vendê-lo no mercado como força de trabalho, como uma mercadoria equivalente às outras, pois o corpo seria um atributo fundamental do ser. Além disso, o amor e o desejo se inserem também nesse registro maior da propriedade privada e do valor de troca. Ceder ao desejo e ser tomado por ele implicariam para o sujeito do individualismo transformar o valor de uso do seu gozo em valor de troca do desejo. (BIRMAN, 1999, p. 178).

Pode-se pensar, portanto, que o sexo de ocasião é mais um desses fenômenos da contemporaneidade que buscam prazeres rápido, fugazes e que, de preferência, custem pouco emocionalmente.

REFERÊNCIAS

ALENCAR, José de. Senhora. São Paulo: Núcleo, 1994.

BAUMAN, Zygmunt. Amor líquido: sobre a fragilidade dos laços humanos. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004.

BIRMAN, Joel. Mal-estar na atualidade. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000.

CAIAFFA, Renata et al. A sexuação e os laços sociais. In: ALONSO, Silvia Leonor; GURFINKEL, Aline Camargo; BREYTON, Danielle Melanie (orgs.). Figuras clínicas do feminino no mal-estar contemporâneo. São Paulo: Escuta, 2002.

DEBORD, Guy. A sociedade do espetáculo: comentários sobre a sociedade do espetáculo. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.

DELFINO, Rose. Você em primeiro lugar. Revista Cláudia, São Paulo, n° 3, p. 128-131, março/2005.

FREUD, Sigmund (1905). Três ensaios sobre a teoria da sexualidade, Resumo. In: Edição standard brasileira das obras completas de Sigmund Freud. Vol. VII. 1ª edição. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

_____ (1908). Moral sexual civilizada e doença nervosa moderna. In: Edição standard brasileira das obras completas de Sigmund Freud. Vol. IX. 1ª edição. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

_____ (1914). Sobre o narcisismo: uma introdução. In: Edição standard brasileira das obras completas de Sigmund Freud. Vol. XIV. 1ª edição. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

_____ (1930[1929]). O mal estar na civilização. In: Edição Standard brasileira das obras psicológicas de Sigmund Freud. Vol. XXI. 1ª edição. Rio de Janeiro: Imago 1996.

FUKS, Lucía Barbero. Diferentes momentos da evolução feminina. In: ALONSO, Silvia Leonor; GURFINKEL, Aline Camargo; BREYTON, Danielle Melanie (orgs.). Figuras clínicas do feminino no mal-estar contemporâneo. São Paulo: Escuta, 2002.

GIDDENS, Anthony. As conseqüências da modernidade. São Paulo: Unesp, 1991.

_____ O mundo na era da globalização. Lisboa: Editorial Presença, 2000.

GÓES, Dalila, FRÓES, Henrique, ALCÂNTARA, Candice. Mulher solteira (não) procura. Revista do Correio, Brasília, n° 10, p. 5-9, julho/2005.

JULIEN, Philippe. A feminilidade velada: aliança conjugal e modernidade. Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 1997.

LASCH, Christopher. A cultura do narcisismo. Rio de Janeiro: Imago, 1983.

LIPOVETSKY, Gilles. A era do vazio. São Paulo: Relógio D'Água, 1983.

_____. A terceira mulher: permanência e revolução do feminino. São Paulo: Companhia das letras, 2000.

MEZAN, Renato. Interfaces da psicanálise. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

NAZARETH, Fátima. Beijinho, beijinho.. tchau, tchau!!! Disponível em: <www.universodamulher.com.br/index.php?mod=mat&id_materia=3055>. Acesso em 06 fev. 2007. 17:04.